

NOTA DO EDITOR

João Gonçalves

Cruzei-me com o Joel Neto mais ou menos a meio do caminho dele, diria, quando eu era editor na Marcador. Trabalhei com ele então, bem como depois no grupo Infinito Particular. É com grande satisfação que o vejo no patamar cimeiro dos autores nacionais e que assisto à publicação deste *Levanta os olhos para as montanhas*, abrilhantado pelo reconhecimento de tanta gente influente que lhe conhece a obra — tantos leitores, afinal. Os vinte e cinco textos deste livro são, mais do que uma justa homenagem, um aplauso ao Joel pela sua sensibilidade e um agradecimento pelo seu esforço.

Escrevi que me cruzei com ele a meio do caminho, mas, pensando melhor, nunca sabemos bem quão longo vai ser o nosso caminho, ou até aonde irá; mas sim, repito: diria que me cruzei mais ou menos a meio do que ele percorreu até agora, quando há uns vinte anos o Joel já publicara várias coisas.

Digo «coisas», sublinho, da forma mais apreciativa possível, porque, na verdade, o Joel, que vinha dos jornais, escrevera até então sobre assuntos tão diferentes que esta talvez seja uma boa palavra para definir os trilhos que ele tinha abertos: publicara sobre futebol,

romance, contos... Ele tinha, na altura desse nosso cruzamento — era eu tão-somente alguém disponível para tentar ajudá-lo no que soubesse, e ele alguém que queria, apenas, a ajuda inicial —, tantos caminhos abertos que, imagino, isso pudesse até ser ligeiramente confuso e perturbador para o autor. Afinal, quando se faz muita coisa bem, é difícil encontrar uma verdadeira noção de especialidade, creio.

Havia no Joel, isso já era certo para mim, o caminho do talento, que ele já percorria há muito, com passadas certas, pesadas, as de alguém que, mesmo sem saber ainda ao certo para onde ia, seguia, imparável. Nele havia, além do talento e da criatividade, do olhar, da imaginação, igualmente um outro sinal de que tudo lhe poderia correr bem: a disponibilidade. Não apenas para o detalhe, para o aprimoramento da história e do texto, mas também para ir ouvindo. Nessa capacidade de ouvir, ainda que nem sempre para acolher ou para aceitar (longe disso!), havia um sinal de grandeza que o Joel já exibía. Os grandes — isso eu próprio já aprendi nestes caminhos da edição literária que percorro há trinta anos — são aqueles que têm uma vaidade gentil, uma vaidade educada e disponível para acertar.

Os livros do Joel são todos bons. Os do meio do caminho, os do início; bem como, apostado, serão cada vez melhores os que ele ainda vai escrever. Vou, porém, deter-me no *Arquipélago*, que foi um ponto de viragem, uma obra que o deu a conhecer a mais gente. Foi com esse livro do homem que não sentia os terramotos que o Joel se tornou um escritor nosso, de Portugal, afirmando-se progressivamente na tal passada sólida e pesada das histórias que conta, mas arejada nas ideias e na escrita, até ao que é hoje: um dos nomes principais da grande literatura portuguesa.

Algures lá pelo meio, há um outro caminho que se cruza com o do escritor Joel Neto, que é, justamente, o do homem Joel Neto; o regresso dele aos Açores, a idílica casa com uma cerca e um jardim, caminhos de bagacina, aqueles muros de pedra baixinhos, delimitando as estradas açorianas que na verdade nada delimitam, e os cães, a família que cresceu, e o que ele cresceu por dentro com a família, os olhos dele levantados para as montanhas (como ele acon-

selha), os verdes ali mesmo à frente, sempre, e os azuis estendidos até ao fim do mundo naquele lugar mágico a que ele tem também a sorte de chamar casa. E, ainda, um certo distanciamento do resto do mundo que lhe confere uma aura mágica do homem e do seu livro, do homem no campo, do homem que ao mesmo tempo quer saber de tudo e não quer saber de nada. O Joel nunca desiste de se encontrar a si próprio, pois sabe que isso é, realmente, a coisa mais importante que há — outra vez a palavra «coisa», porque às vezes não há (ou pelo menos eu não a encontro) palavra melhor. Tudo isso lhe alimenta a imaginação como autor, mas também alimenta a nossa imaginação como leitores a respeito do Joel, admirando-lhe um certo charme criativo.

Não sei, como escrevi, qual vai ser o resto do caminho do escritor Joel Neto, claro — sabê-lo-á ele próprio? —; contudo, recordarei sempre com nostalgia e satisfação o momento em que os nossos caminhos se cruzaram e aquele Joel que, mesmo que ele na altura não o soubesse, poderia ir, na verdade, para onde bem lhe apetecesse, para onde ele bem quisesse.

Ia terminar escrevendo que desejava que, um dia, o meu caminho e o do Joel voltassem a cruzar-se, mas já não vou escrever nada disso, nem pensar, pois seria um disparate; percebi, felizmente a tempo, mesmo agora, que os nossos caminhos se cruzam sempre que abro um livro dele.

PRIMEIRO OLHAR

Prefácio de Paulo Matos



«Aquele que já não consegue ouvir mais nada senão o som do seu próprio sangue a correr nas veias não ouvirá o apito do comboio que vai atropelá-lo.»¹

Não sejas cínico: sê múltiplo. Aprende a povoar-te. Evita os absolutos. Ama o que poderes — faças o que fizeres, conserva um pé dentro e outro fora, e, quando não tiveres outra solução, pega no carro, estaciona na Serra do Cume, por sobre a Caldeira de Guilherme Moniz, e deixa-te a olhar para os cerrados.²

Foi no campo que conheci o Joel. Nunca lhe vira a cara, nunca lhe ouvira o nome. A «culpa» foi da Bárbara, que me convidou para irmos à apresentação do então novo livro de um escritor terceirense que estava a traçar um caminho promissor na literatura portuguesa. Foi no campo que conheci o Joel, num dia de sol de 2003, que terminou em conversa a múltiplas vozes no café que o Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo albergava.

Lembro-me do quão bom conversador me pareceu o Joel, moço de humor inteligente, atento à realidade imediata e quotidiana, características que, entendi, transpunha para a sua escrita (e que ainda

¹ NETO, 2018a: 27

² NETO, 2024: 61

hoje fazem dele o escritor consagrado em que se tornou). Levou-me essa constatação à compra dos seus dois primeiros livros, os anteriores a *Al-Jazeera*, *Meu Amor*, o tal que havia sido apresentado nesse dia, na Quinta do Martelo. Amor à primeira leitura, nunca mais larguei aquela voz da terra e do mundo, do ser e do sentir, do pensar e do observar ações e estados, a essência da vida e o barro de que é feita a humanidade.

Quiseram as tramas da existência que nos ligássemos afetivamente num percurso em crescendo. Como leitor assíduo e pontual, e eventualmente amigo circunstancial, e depois de já ter escrito as minhas impressões sobre alguns dos seus livros, depois de já ter fomentado encontros entre ele e os alunos, a quem fui dando a ler os seus contos e romances, fui convidado pelo Joel para gerir a apresentação de *Meridiano 28* em Angra do Heroísmo. Foi um projeto de que muito me orgulho, porque se criou originalidade e, sobretudo, se potenciou um trabalho interescolas, até então uma utopia para muitos: foram alunos e professores de todas as escolas da Terceira que criaram momentos performativos de dança, música, leitura, desenho, vídeo que deram a conhecer à Terceira, pela voz do seu talento, a história do novo romance do autor. Modéstia à parte, foi uma apresentação inédita, memorável, a partir da qual, penso, ganhei o respeito do Joel.

Esse respeito mútuo conduziu, sem darmos conta, a uma amizade enraizada, relativamente recente. Fomo-nos aproximando, porque, por fim, lá consegui levá-lo a fazer parte da Marcha Oficial das Sanjoaninas (a Marta disse «Sim»), porque aspetos da vida pessoal o facilitaram e porque ele e a Marta me permitiram fazer parte do projeto cultural mais lindo e poderoso que a cidade-património insular poderia ver nascer: a livraria Lar Doce Livro (e, por extensão, a associação cultural Dois Caminhos, de que tenho a honra de ser vice-presidente), que é casa de todos aqueles que acreditam na cultura como ideia de crescimento humano. Porque é disto que são feitos os livros do Joel.

A sua voz é a do homem humanista que procura o bem-estar universal, ainda que muito do que escreva seja local. Apesar de ser

este o foco a partir do qual reflete sobre o mundo, é do terreno que procura o celestial, é do sopé que observa atentamente a montanha (a encosta e o topo), sabendo que dela terá de desviar o olhar de novo para o quotidiano, para o mundano, porque é cá em baixo que há que tomar resoluções.

Partindo desta metáfora das montanhas, bebida do seu mais recente livro, *Terceira*, de 2024, um livro que é uma carta de amor ao seu (e meu! e nosso!) Artur, dei título a este livro que prefacio. É um projeto que me é extremamente caro. Foi pensado para celebrar os 20 anos de carreira literária do Joel. No entanto, a pandemia não permitiu a sua concretização. Por um lado, ainda bem. Ficámos com espaço temporal para, agora, podermos celebrar o quarto de século desse percurso. Sim, fez, no passado mês de outubro, 25 anos que o Joel publicou o seu *O terceiro servo*, um livro que já renegou e que já aprendeu a voltar a acarinhar. Ambas as perspetivas são sinal de crescimento como escritor e como homem. Ao mesmo tempo, há dez anos, o Joel publicava o seu romance-reviravolta. *Arquipélago* pô-lo finalmente no mapa da literatura portuguesa contemporânea e, em simultâneo, de certa forma fez renascer os Açores, os seus mitos, a sua história e muitas outras vertentes da sua idiossincrasia.

Levanta os olhos para as montanhas nasce dessa premissa da evolução do escritor que se vem firmando com sabedoria e (alguma) paz. Diversos textos celebram a obra do Joel. São textos o mais impressionantes possíveis, porque escritos maioritariamente por quem lidou ou lida com o Joel, emotivos e, ainda assim, reflexivos, visões de homens e mulheres, uns mais mediáticos, outros mais «anónimos», de diferentes origens, de diferentes áreas profissionais e com distintos laços com o homenageado. Há textos mais ensaísticos, é verdade; porém, comungam da admiração pelo caminho percorrido (e traçado) do jornalista, escritor, comentador televisivo, cronista assíduo da imprensa escrita, que optou por voltar às suas raízes e que, nesse regresso, tem procurado (desde o início, convenhamos) manter a consciência do alcance da sua voz artística face

às problemáticas do mundo, o seu mais imediato, mas também, e a partir desse, o de todos nós, gentes deste mundo desconsolado, mas com potencial de felicidade. Conscientemente, no seio de todas estas impressões de leitura, e a fim de se assinalar a primeira década de *Arquipélago*, existe uma tríade textual de três distintos ensaístas, que demonstram o seu apego a essa obra genésica do Joel.

Coordenado por mim, optei por organizar o livro pelos supostos géneros dos livros do nosso escritor. É uma organização completamente questionável; no entanto, respeita minimamente o género explícito nos livros publicados. Por outro lado, dentro de cada secção, os textos obedecem a uma organização cronológica, porquanto seguem o ano de publicação de cada livro «pertencente» a um determinado género.

Este livro-homenagem, presente para leitores usuais do Joel, mas também para os que vão descobrindo os seus livros, não seria possível sem a participação dos autores dos textos que nele vivem, aos quais agradeço a dedicação, os esclarecimentos de dúvidas, a paciência nos questionamentos, os pedidos e as sugestões, a urgência no cumprimento de prazos, mas sobretudo o carinho com que acolheram e abraçaram esta ideia. Se não tivessem aceite o repto (para alguns, o desafio), não teríamos conseguido publicar este livro na data prevista: a do mesmo ano em que, já lá vão 25, o Joel publicou *O terceiro servo*.

Cumpre-me elevar a minha maior cúmplice: a Marta, fonte para o contacto com alguns dos autores, psicóloga nos momentos de angústia, companheira na partilha de confidências sobre a evolução do processo. Sem ela, não teríamos «roubado» algumas informações ao Joel, sem que ele desse conta (julgamos nós...).

Estou também grato ao João Gonçalves, diretor comprometido, que desde o primeiro instante acreditou nesta ideia, e ao Miguel Cardoso Pereira, atentíssimo editor, com quem cruzei pensamentos sobre edição de texto e com quem aprendi sobre os meandros editoriais de um livro. Através deles, destaco o papel da Cultura, editora que tem procurado dar a conhecer novos nomes do panorama literário

nacional e que, neste caso preciso, nunca senti sentir-se beliscada na decisão corajosa de editar um livro que, à partida, poderá não ser tão comercial, mas que, por iniciar uma nova linha do seu catálogo, alimenta a valorização de um dos mais significativos e empolgantes escritores do seu painel editorial. A par disto, é imperativo destacar o apoio da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, que colabora nesta edição não apenas financeiramente, mas também com o orgulho de ver celebrada a carreira de um filho da terra.

É por esse homem, Joel Neto, meu amigo caríssimo, com quem tenho partilhado tristezas, sustos e névoas, e, acima de tudo, vitórias familiares, literárias e culturais, vulto essencialíssimo da *intelligentzia* da cidade de Angra e da ilha Terceira, do arquipélago dos Açores e de Portugal por inteiro, é por ele, que pensa o mundo e que busca formas constantes de o salvar, sobretudo pelo amor, porque sonha e tem aquele tipo de fé dos homens bons, é por ele, que desconhecia por completo esta oferta, é por ele, reforço, que este livro tem razão de existir. Que nos continue a inspirar na construção do «eu» pelo encontro com o «outro» (e vice-versa) e a orientar-nos na observação das montanhas e nas subidas aos seus cumes, para que não nos esqueçamos nunca (nunca!) de que o que estiver lá em cima jamais se afirmará como nosso trono; será bom termos raízes assentes nos sopés, porque é lá que se constrói a justiça...

Parabéns, Joel! Voltaremos à carga em 2050?...

**OLHARES SOBRE
ROMANCES, NOVELAS E CONTOS**



O TERCEIRO SERVO NA LAR DOCE LIVRO

Lélia Pereira Nunes

Sentei no fundo da sala. Dali descortinei todo o animado espaço com paredes cobertas de livros ordenados em divertidas prateleiras verdes. Não, não estava numa livraria, ou estava? Uma grande mesa à esquerda, sofás e mesinhas de canto e luminárias dispostas no entorno de um centro com jeito de palco aberto. Na sala conjugada com mesas e cadeiras distribuídas e ocupadas por uma tribo de gente de todas as idades, num convívio com letras, arte, música, cor e sabor. Um lugar multicultural, aconchegante, assente na pluralidade, na alegria de dançar a vida e bem viver. Enquanto meu olhar encantado ia lendo títulos e mais títulos, um burburinho de vozes e o aroma de café passado, irresistível, tomavam conta daquele lugar charmoso, vestido de Lar Doce Livro, a casa de livros com jeito de café situada na Rua de São João, centro histórico de Angra do Heroísmo — há quarenta anos cidade patrimônio mundial, na ilha Terceira.

O anfitrião, escritor e amigo Joel Neto, ainda não dera por minha presença ali especulando... Na estante, à direita de quem entra, onde estavam perfilados alguns dos muitos livros de sua autoria, publicados nos últimos 25 anos. Tocava, acariciava lombadas, lia as contracapas, abria, folheava e mergulhava na leitura de um e outro texto, admirando a sua magistral narrativa. Passeei com gosto e viajei num mar

de lembranças e de vivências ao lado de uma geração de escritores, ícones da literatura praticada nos Açores, tanto no passado quanto no presente, e de jovens escritores, como o terceirense Joel Neto, considerado, por muitos, um dos paradigmas do rejuvenescimento da literatura açoriana.

Faltou confessar que conheci o autor Joel Neto em 2003, quando, via Direção Regional da Cultura, recebi a oferta de seu livro *O Citroën que escrevia novelas mexicanas* (2002). Uma narrativa bem urdida do princípio ao fim, histórias de homens e mulheres comuns do nosso dia a dia, em que o drama e a comédia se intercalam, se espreitam com intimidade própria de Melpômene e Tália, as musas que personificam essa dualidade da dramaturgia. Contos prenhes de sabedoria bem-humorada e daquela irreverência típica do ilhéu, que, satírico, se permite a autoironia, um certo motejo na pluralidade de vozes protagonizadas. «O que fez de mim um escritor, nesse inolvidável dia em que se cumpriu o meu primeiro grande projecto de vida, foi o método de invenção de histórias que nasceu naquele mesmo instante, naquele mesmo assento seboso de Citroën envelhecido»³, confessa a certa altura o autor no conto-título do livro. Cheia de curiosidade corri a ler a sua nota biográfica. O menino das ilhas, o jovem escritor já tem sua manha, pensei. Estava diante da escrita criativa não de uma jovem promessa, mas sim de um escritor talentoso, o que comprovava a riqueza do seu labor da palavra, da prosa inigualável e sedutora.

Desde então, tenho sido leitora do «menino Joel». Leitora de seus romances com histórias amarradas de tal jeito que a gente fica enredada da primeira à última página no movimento constante de seus personagens, no ir e vir ou no vaivém entre o universalismo da freguesia e o cerco da cidade grande Lisboa. Assim me debrucei na trama de *Os sítios sem resposta* (Porto Editora, Lisboa, 2012) para partilhar das certezas e incertezas de um homem que resolve mudar de time de futebol (Sporting pelo Benfica) e os confrontos pessoais e sociais decorrentes de sua intempestiva mudança de paixão,

³ NETO, 2002a: 42

incluindo uma certa angústia em dizer ao seu pai. Tudo pode ser equacionado como um jogo de futebol entre as quatro linhas do campo até o ápice do «gol de placa» — a redenção, entrecruzando linhas, atravessando espaços e o tempo intemporal. Joel sabe a medida certa de entrelaçar sentimentos, histórias de vidas e mundos paralelos: Lisboa, a capital, e uma freguesia terceirense, seu torrão natal e de seus muitos personagens. No fluir da trama, Joel Neto deixa emergir estes mundos paralelos com seus contrastes e confrontos.

Sou mesmo «fã de carteirinha» de sua obra. O movimento esplêndido da sua narrativa e o dom do contador de histórias integradas na vida açoriana e emolduradas pela paisagem mítica das nove ilhas dos Açores. Pinço da minha memória, enquanto passeio por entre os livros e aromas da Lar Doce Livro e duas obras notáveis que amei: *Arquipélago* (2015) e *Meridiano 28* (2018). Dois romances de uma literatura imaginativa potente e os meus livros preferidos, afirmo sem pestanejar. Recordo que o *Arquipélago* emplacou três edições em apenas três meses. De grande dimensão temática tendo por cenário a freguesia da Terra Chã. Ali na sua freguesia, Joel teceu a teia humana da interação social, um emaranhado envolvendo 76 personagens de diferentes gerações, vivências e histórias assentes em tradições seculares. Há no magnífico romance que narra o desaparecimento de uma criança um feitiço investigativo e típico do gênero policial que mantém o leitor em suspenso até o desfecho final. O intricado enredo parte da «terra tremendo-nos debaixo dos pés»⁴, que o jovem personagem José Artur não sente, numa referência ao grande terremoto de 1.º de janeiro de 1980, até 29 de fevereiro de 2048, no epílogo (p. 455), assinado por André Gouveia Drumonde, filho de José Artur, o protagonista principal e fio condutor de toda a trama, o narrador onipresente. *Arquipélago* apresenta um surpreendente realismo mágico literário, expresso página a página, num acontecer acontecendo junto à vida, os afetos, os saberes, a memória de uma família no correr das gerações e de uma freguesia rural, fechada em suas estórias, crenças, mistérios, segredos, medos, costumes sedimentados

⁴ NETO, 2015: 19

no tempo passado e no presente, quiçá ambos revivificados no futuro. A maestria de Joel Neto induz o leitor a caminhar pelos mistérios do tempo por este mundo-ilha.

Quanto ao romance *Meridiano 28*, publicado em 2018 pela Cultura, é fascinante. Situa-se entre dois momentos no mesmo tempo: a eclosão da 2.^a Grande Guerra Mundial, em 1939, e a cidade da Horta, ilha do Faial, onde ingleses e alemães, «os loucos dos cabos submarinos»⁵, conviviam em seu mundo de paz e desfrutavam de uma vida social intensa. Enquanto, longe das ilhas do triângulo, o mundo em guerra vivia o holocausto numa Europa em chamas. O romance abraça um período de três anos de uma história de inegável realidade e ao mesmo tempo fantástica, onde transitam mais de 100 personagens pelas quase 420 páginas. Um enredo muito bem esquadrinhado como uma colcha de retalhos, numa escrita cuidadosa e de grande qualidade. Tal qual em *Arquipélago*, Joel Neto oferece no *Meridiano 28* uma literatura do realismo fantástico com arte e gosto. Coloco-o tranquilamente ao lado de dois autores de brilho estelar na literatura latino-americana — os argentinos Júlio Cortázar (1914-1984) e Silvina Ocampo (1903-1993).

Nas prateleiras coloridas da Lar Doce Livro não encontrei *A vida no campo*, editado pela Marcador (2016), nem *A vida no campo: Os anos da maturidade*, vol. 2, publicado pela Cultura (2019). Se não me falha a memória, *A vida no campo* recebeu o merecidíssimo Grande Prémio de Literatura Biográfica da Associação Portuguesa de Escritores/APE. O que só veio corroborar a qualidade da sua primorosa e cativante escrita, mais a competência na arte de narrar e retratar os pequenos nada do cotidiano. Pura gostosura a fabulação, em ritmo de diário, a registrar tudo ao seu redor, deixando emergir este mundo rural de vivências intensas: lugares, usos, costumes, receitas, tradições, crenças, o que de mais corriqueiro se eleva na sua literatura diarística, para deleite do leitor. A decisão de voltar para a Terra Chã, na ilha Terceira, depois de viver por 20 anos em Lisboa, com uma carreira jornalística consolidada, não deve ter sido fácil.

⁵ NETO, 2018: 39

Na balança pesou até o querer admirar as estrelas, quem sabe ver o «Sete-Estrela»! Joel Neto, naquele pedaço de chão natal, na casa que pertenceu ao avô, vai ao reencontro da sua história e raízes — um caminhar para dentro de si, por suas lembranças despregadas da memória privilegiada e recriadas com grande sensibilidade e beleza em seu lugar dos Dois Caminhos.

A vida no campo: Os anos da maturidade, publicado três anos depois, convida o leitor a caminhar junto, a fazer a viagem pelos mistérios do tempo e pelas estações do ano nas cerca de 220 páginas de seu diário. Tudo corre como uma levada de afetos numa contínua interação com o mundo no seu entorno. Já na abertura, cita as tradições do Espírito Santo, a manifestação cultural que é uma marca da açorianidade, ao falar das funções do Bodo — a massa sovada, a carne, as brindeiras, as sopas e a partilha dos vizinhos, vinho de cheiro, a alcatra, o império e a comovente passagem da filarmônica. As festas do Espírito Santo têm sentido e significado, reunindo costumes, crenças, processos e práticas que se transformam ao longo das gerações e são sempre as pessoas, como bem expressa na entrada de quarta-feira 23 de maio: «Todos os dias me apetece escrever sobre pessoas, agora. No fim, são sempre pessoas.»⁶

Neste viver no campo, o registro íntimo e intimista da excelente literatura assinada por Joel Neto, no cenário da vida rural, que se compõe a cada entrada do diário com tanta delicadeza reverente àquele mundo tão chão-chão, página a página e tudo segue junto: o Joel, o observador imparável, a companheira, os cães, os jornaleiros, os vizinhos, os amigos e nós, seus leitores.

Todas estas leituras, aqui comentadas, abriram imensas janelas para a inequívoca riqueza do imaginário açoriano, a arte da palavra de autores como o Joel Neto, que há 25 anos nos brinda com a genialidade de sua criação literária a partir da sua condição de ilhéu e de pertencer ao universo insular, pois dele nunca se apartou.

Tudo isso me vem à memória neste instante em que escrevo sobre o romance *O terceiro servo*, publicado em 2.^a edição pela Editora

⁶ NETO, 2019: 47

Presença em 2000. Setenta páginas de uma carpintaria literária que utiliza técnicas descritivas de um jornalismo investigativo que faz da pena um bisturi e vai manejando a complexa narrativa em ritmo ágil, crescente, na cuidadosa busca do entendimento da alma humana na pequena comunidade da ilha Terceira em cumplicidade telúrica com o mar dos Açores, abraçando vidas num enredo muito bem estruturado, digno da sua incrível capacidade de fabulação. Já no primeiro parágrafo se fica sabendo o âmago da história relatada em poucas linhas numa notícia de jornal — «Sargento Herculano brutalmente assassinado.»⁷ —, a morte de um ativista de direitos humanos e dos animais, «um homem afável»⁸ que num passado recente fora preso por crime de abuso de menores.

A habilidade da urdidura tramada em minúcias, uma das características das novelas e dos romances de Joel Neto, envolve em mistério a história do assassinato do sargento Herculano, no centro histórico de Angra do Heroísmo, e os confrontos íntimos do protagonista, o jornalista açoriano Miguel Barcelos, que vive em Lisboa. Miguel, ao ler a notícia sobre o assassinato de seu velho amigo na Terceira, impactou. Parte para os Açores decidido a investigar a verdade e para conhecer todas as circunstâncias do homicídio.

Vem a propósito o comentário de Joel Neto sobre o romance *O terceiro servo*: «[...] Amor, relações sociais, pedofilia, o milénio, a Revolução, o futebol, a economia e até mesmo a fúria dos elementos — tudo se mistura e interpõe, abalando as convicções do protagonista.»⁹ Na sua escrita escorreita, criativa, imaginativa, em constante movimento, o leitor é conduzido por um labirinto de emoções, sentimentos e mundividências naquela sociedade tão fechada da ilha Terceira, mais uma vez cenário e palco para as fascinantes criações literárias do autor, muito especialmente na magnífica construção do multifacetado protagonista Miguel. De um lado, as angústias, as amarras, as afrontas do cotidiano em Lisboa, numa contínua gangorra. Para Miguel, na grande cidade, «tudo se resumia a uma relação entre a

⁷ NETO, 2000: 11

⁸ *Idem*: 14

⁹ <https://joelneto.com/book/o-terceiro-servo/>

força e a falta dela, tudo se revelava segundo a lógica do poder»¹⁰. E, para além, no arquipélago açoriano, o cerco do mar das ilhas e da terra com seus códigos sociais e seus condicionantes «certo/errado» — «E de repente, Miguel sentia-lhes a todos um enorme desprezo»¹¹ por denegrirem a imagem do amigo Herculano.

Joel é incansável na convergência do olhar de Miguel Barcelos, ora posto na vida cética, a fender a modorra dos dias em cansaços estéreis e a satisfação de desejos libidinosos, onde o amor é limiar, ora a desvendar intimidades de sua memória e a abrir o baú de ontem, os verdes anos da juventude e a confrontá-lo com os arquivos informatizados de hoje, num repensar de toda uma vida.

Joel Neto, a celebrar um quarto de século de escriba, é dono de uma prosa ficcional e de uma fantasia verbal que nos seduz, é um observador (ouso afirmar «compulsivo») reflexivo da sociedade humana. O que fez de Joel Neto este escritor admirável foi este humanizante «método de invenção de histórias»¹², em paráfrase ao próprio no delicioso *O Citroën que escrevia novelas mexicanas*.

O terceiro servo é exemplar, um romance conduzido do princípio ao fim por Miguel, o protagonista, com método e sabedoria no entrecruzar a história inventada com a «Parábola dos Talentos», a última parábola contada por Jesus, narrada no Evangelho de São Mateus 25:14-30 e agora na sua voz. Neste fecho conclusivo, Joel Neto usa do cinzel e, como um artista da literatura, cinzela com ternura a parábola, ao citar de forma lapidar: «“Bom servo, no pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei”»¹³, palavras semelhantes ditas pelo patrão ao primeiro servo e ao segundo servo. Segue a reflexão de Miguel: «“O ‘pouco’ é cada dia da tua vida, cada momento da graça de viver e de poder contribuir para que outros a sintam também em plenitude”»¹⁴. De jeito muito suave e brilhante, o protagonista percebe «extravasar os limites de si mesmo»¹⁵. Fulgurante, com certeza!

¹⁰ NETO, 2000: 24

¹¹ *Idem*: 20

¹² Neto, 2002a: 42

¹³ Neto, 2000: 60

¹⁴ *Ibidem*

¹⁵ *Ibidem*

E quanto ao terceiro servo que nada fez com o talento deixado a seus cuidados? Eis aqui a pedra de toque, o jaspe negro, a metáfora-lidita do precioso *O terceiro servo*, que o leitor permite auferir no remate dado à história pelo escriba, na voz do protagonista central da trama, Miguel Barcelos, que andou anos à procura de seus talentos e concluiu que «não podia ser mais do que um bom reproduzidor de ideias gerais e [decidiu] agarrar o [seu] destino.»¹⁶

Percebes? A mulher Teresa, deitada ao seu lado, percebe. E nós, teus leitores também percebemos tudo, caríssimo Joel Neto. Tu és muito bom!

Afinal, concludo...

Confesso. A certa altura da leitura de um texto tão denso, pensei em desistir. Angustiante! Voltei à sua leitura com vagar. Diacho! Por que a leitura de *O terceiro servo* causava um certo desconforto sociológico? Na verdade, sem dó e nem piedade, Joel Neto, com precisão cirúrgica, faz incisões no tecido social, desnuda ironias da sociedade, sorrisos constrangidos, preconceitos, exclusão. O narrador faz do leitor parceiro da memória coletiva no tempo e no espaço, memórias do adolescente Miguel revisitadas pelas canadas da ilha e nos envolve na sua investigação. Afinal, o que é desconcertante é saber que todo o enredo é o espelho de uma realidade crua que se reproduz bem embaixo das nossas elegantes varandas, nas ruas das freguesias ou nas avenidas das metrópoles. São os antolhos sociais que Joel Neto arranca, tal qual fez no belo, pequeno e polêmico *Jénifer, ou a princesa da França: As ilhas (realmente) desconhecidas* (2023), uma publicação da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Joel Neto, fazendo sua parte na esperança de mudança.

¹⁶ NETO, 2000: 62